

LITERATURA HOMOERÓTICA

Warley Matias de Souza

LITERATURA HOMOERÓTICA



Souza, Warley Matias de, 1974-
Literatura homoerótica / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2020.
177 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-924102-7-8

1. Literatura homoerótica – História e crítica – Teses. I. Título.

CDD-B869.9

LITERATURA HOMOERÓTICA
Copyright © 2020 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Este livro é parte da dissertação de mestrado intitulada *Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2010.

Agradecimentos

Aos integrantes da banca examinadora: Prof. Dr. Carlos Magno Camargos Mendonça e Profa. Dra. Sara del Carmen Rojo de la Rosa.

E a meu amigo e orientador de mestrado Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre, por me dar a liberdade necessária e respeitar os meus limites. E, acima de tudo, por respeitar as minhas ideias.

Ora, tôda Forma é também um Valor; por isso, entre a língua e o estilo, há lugar para outra realidade formal: a escritura. Em tôda e qualquer forma literária, existe a escolha geral de um tom, de um etos, por assim dizer, e é precisamente nisso que o escritor se engaja. [...] Língua e estilo são fôrças cegas; a escritura é um ato de solidariedade histórica. Língua e estilo são objetos; a escritura é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada por sua destinação social, é a forma apreendida na sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História.

Roland Barthes.¹

Sumário

- 13** Literatura, cultura e homoerotismo
- 19** A narrativa homoerótica
- 29** A influência do homoerotismo na produção literária
- 35** Um conceito de literatura homoerótica
- 37** O menino do Gouveia e o grumete Aleixo
- 57** Pecado e transgressão: Juca e Riobaldo
- 79** “Pílades e Orestes” e “Pela noite”
- 112** Considerações finais
- 123** Referências
- 135** Notas

Literatura, cultura e homoerotismo

Nos anos 1960, os movimentos feministas, *gays* e lésbicos² passam a questionar a sociedade da época, seus costumes, seus preconceitos, sua política. Tais movimentos trazem as chamadas minorias à visibilidade social.

Após os anos 1960, surgem os estudos *gays* e lésbicos. Tais estudos são áreas interdisciplinares “de estudos emergentes na academia norte-americana após os anos 60, com o estabelecimento de disciplinas, programas, centros, realização de congressos”³.

E, nos anos 1990, surge a teoria *queer*⁴, que, contrapondo-se aos estudos *gays* e lésbicos, reage à “normalização”, à “visão integrativa que o termo *gay* foi assumindo na sociedade norte-americana”⁵. Assim, o termo “*queer*”⁶ ressalta a diferença. É contrário à normalização; portanto, opõe-se não só à heteronormatividade⁷, mas também à “normalização e [à] estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante”⁸.

Nessa perspectiva, a estética *camp* assume papel importante na teoria *queer* (apesar de não ter sua origem diretamente relacionada a essa teoria), não só porque tal estética coloca em evidência a diferença, mas também porque ela questiona a própria diferença. Assim, o exagero que caracteriza o *camp* é o que desestabiliza as categorias fixas de gênero, quando, por exemplo, um corpo masculino apropria-se do feminino ou um corpo feminino apropria-se do masculino; de forma a mostrar, exageradamente, que os corpos são condutores e não detento-

res de características genéricas.

Susan Sontag⁹ diz-nos que “a essência do Camp é sua predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero”. Para ela, o *camp* é um certo tipo de “esteticismo. É uma maneira de ver o mundo como um fenômeno estético. Essa maneira, a maneira do Camp, não se refere à beleza, mas ao grau de artifício, de estilização”¹⁰. Além disso, ela considera a “sensibilidade” *camp* como sendo apolítica¹¹, pois menospreza o conteúdo, uma vez que está presa ao artificialismo.

Segundo Guacira Lopes Louro¹², há na teoria *queer* a defesa de “uma teoria e uma política pós-identitárias”, que se constituiria em uma crítica ao binômio heterossexual/ homossexual ou, de forma mais abrangente, uma crítica ao caráter limitador da identidade, possibilitando, assim, pensar na sexualidade não mais como uma forma fixa, mas como algo passível de transformação, contrária, portanto, ao “princípio da uniformidade”¹³ e à normalização pretendida pelos estudos *gays* e lésbicos.

O termo “*queer*” significa, em português, “estranho”, “esquisito”. Na linguagem vulgar, é um xingamento, uma ofensa contra o indivíduo homoeroticamente inclinado, semelhante a termos brasileiros tais como “bicha”, “viado” etc. A teoria *queer* apropria-se dessa nomenclatura negativa, de forma a ressignificar o sentido de “*queer*”¹⁴ e discutir a diferença, em contraposição ao termo “*gay*”, que, segundo perspectivas dessa teoria, privilegiava a normalização, portanto, a integração no sistema social.¹⁵

No entanto, o “*queer*” pode acabar covertendo-se, se isso já não ocorre, em uma maneira de ser, ou seja, uma maneira *queer* de viver a vida. Então, quando falamos de *queer*, talvez já estejamos nos referindo a uma identidade *queer*¹⁶, essencializada pelo *camp*, portanto, fundada no artificialismo. A teoria *queer* pode ter como principal força a sua resistência à normalização; no entanto, talvez não possa fugir dos contornos da identidade. Assim, pode estar havendo apenas uma substituição da identidade *gay* pela identidade *queer*, tendo como diferenciação entre as duas apenas a divergência entre o naturalizar-se e o manter-se diferente.

Contudo, a crítica à normalização parece bastante pertinente quando constatamos que, nesse processo de naturalização, o controle social permanece, uma vez que a heterossexualidade compulsória dá lugar à heteronormatividade.¹⁷

Segundo Miskolci¹⁸, a teoria *queer* surgiu a partir dos estudos culturais e empreendeu “a análise da heteronormatividade em romances, filmes, programas de televisão, revistas, mas também de discursos legais, científicos, religiosos e pedagógicos”. Segundo ele, os estudos culturais produziram subdivisões, e, entre elas, a teoria *queer*. Assim, devido ao caráter normalizador relacionado a uma aceitação social de uma identidade *gay*, os estudos *queer* rejeitaram o foco na subjetividade¹⁹ e, conseqüentemente, negaram a existência de tal identidade.²⁰

No entanto, por mais que a teoria *queer* se afaste de questões identitárias, ela mantém o caráter político her-

dado dos estudos culturais, o que nos permite, ao contrapor os estudos culturais aos estudos literários, colocar dentro desta categoria “estudos culturais” tanto as perspectivas da teoria *queer* quanto as dos estudos *gays* e lésbicos.

Assim, este livro faz a contraposição entre os estudos literários e os estudos culturais, opõe o caráter político, inerente tanto aos estudos *gays* e lésbicos quanto à teoria *queer*, ao caráter supostamente apolítico dos estudos literários. De um lado, uma identidade *gay* sendo defendida ou rejeitada²¹, e de outro, uma especificidade centrada no desejo homoerótico, tendo em vista que o desejo é vazio de subjetividade, portanto, de politicidade. Assim, o foco no desejo homoerótico afasta-nos de questões relacionadas tanto a uma identidade *gay* quanto à heteronormatividade que, na atualidade, procura domesticar essa identidade. Ou seja, o desejo homoerótico é tomado como uma especificidade do que chamamos de “literatura homoerótica”, enquanto a identidade *gay*, seja ela assimilada por meio da heteronormatividade ou rejeitada pela teoria *queer*, é o que caracterizaria o que chamamos de uma “literatura *gay*”. Portanto, a literatura *gay* estaria vinculada aos estudos culturais (que incluiriam os estudos *gays* e lésbicos e a teoria *queer*), e a literatura homoerótica estaria associada aos estudos literários. No entanto, vemo-nos diante de um problema. Afinal, não seriam tarefas dos estudos literários a definição e o estudo de qualquer tipo de literatura, seja ela pretensamente apolítica ou não? Do contrário, para os estudos literários, a

classificação “literatura *gay*” seria apenas uma nomenclatura vazia, uma categoria não legitimada, uma falsa literatura, uma não literatura. O que nos leva a pensar que, desde a perspectiva dos estudos literários, não existiria uma literatura *gay*.

Se as identidades estão realmente sendo fragmentadas²², o caráter político na defesa de uma identidade *gay* torna-se ainda mais forte, pois configura-se em uma resistência à própria pós-modernidade. Assim, a identidade, enquanto construção cultural, só se justifica como instrumento político. Dessa forma, não poderia essencializar uma literatura — tendo em vista a apoliticidade que muitos acadêmicos associam aos estudos literários. Caberia, então, aos estudos culturais analisar o caráter político de uma obra, já que os mesmos consideram o livro, a obra literária, não só como objeto artístico, mas, principalmente, como produto cultural²³; pois, para os estudos culturais²⁴, a literatura é parte da cultura e não uma arte suprema²⁵, acima do bem e do mal, uma vez que também é contaminada pelo discurso de um poder dominante que aniquila as minorias, seja porque as mantém ocultas pela opressão, seja porque se dá o direito de impor a sua visão, de fora, dessa minoria, como sendo a pura verdade.

Os estudos culturais, portanto, ao mesmo tempo em que abraçam as minorias, que não tiveram voz durante séculos, também retiram a literatura de seu pedestal de “arte superior”, como se humanizassem um deus. Obviamente, essa “humanização” não é perpetrada sem conflito, sem reação. Assim, os estudos literários ainda bus-

cam na literatura uma especificidade, algo que a coloque em uma posição diferenciada dentro da própria cultura. Dessa forma, questões em torno dos estudos *gays* e lésbicos e da teoria *queer*, porventura presentes em obras literárias, por enquanto, acabam sendo apontadas e discutidas por meio dos estudos culturais, uma vez que boa parte dos estudos literários se isenta de questões políticas e sociais, em prol de uma especificidade literária desvinculada dessas questões, como se, do contrário, isso fosse conspurcar a pureza (quase divina) da arte literária.

Assim, já que, a princípio, existe uma oposição entre os estudos literários e os estudos culturais, parece-nos pertinente encetar uma discussão em torno da existência de uma literatura *gay* (o que outros poderiam também chamar de uma literatura *queer*, segundo o que discutimos anteriormente²⁶) em contraposição a uma literatura homoerótica; uma política, outra isenta de politicidade, já que centrada no desejo e não no sujeito.